

VLADIMIR NABOKOV

# O dom

TRADUÇÃO  
José Rubens Siqueira

ALFAGUARA  


Copyright © 1963 by Vladimir Nabokov  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
The Gift

*Capa*  
Retina 78

*Imagens de capa*  
Gotas: Aleksandr Belugin/ 123RF  
Caneta: goldnetz/ 123RF  
Tinteiro: Dmitri Stalnuhhin/ 123RF

*Foto da p. 1*  
Album/ Fine Art Images/ Fotoarena

*Preparação*  
Marluce Faria

*Revisão*  
Clara Diament  
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Nabokov, Vladimir, 1899-1977  
O dom / Vladimir Nabokov ; tradução José Rubens  
Siqueira. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Alfabeta, 2017.

Título original: The Gift  
ISBN: 978-85-5652-054-8

I. Ficção russa I. Título.

17-07644

CDD-891.7

---

Índice para catálogo sistemático:  
I. Ficção : Literatura russa 891.7

[2017]  
Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA SCHWARCZ S.A.  
Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia  
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ  
Telefone: (21) 3993-7510  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)  
[facebook.com/alfaguara.br](https://facebook.com/alfaguara.br)  
[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

# Prefácio

A maior parte de *O dom* (em russo, *Dar*) foi escrita entre 1935 e 1937 em Berlim; o último capítulo foi terminado em 1937 na Riviera Francesa. A importante revista emigrada *Sovremennye Zapiski*, editada em Paris por um grupo de ex-membros do Partido Socialista Revolucionário, publicou o romance em partes (63-67, 1937-8), omitindo, porém, o capítulo quatro pelas mesmas razões que a biografia nele contida foi rejeitada por Vasiliev no capítulo três: um belo exemplo da vida se vendo obrigada a imitar a própria arte que condena. Só em 1952, quase vinte anos depois de iniciado, apareceu uma edição completa do romance publicada pela samaritana organização Chekhov Publishing House, em Nova York. É fascinante imaginar o regime sob o qual *Dar* pode ser lido na Rússia.

Eu vivia em Berlim desde 1922, portanto sincronicamente com o jovem do livro; mas nem esse fato, nem o fato de eu compartilhar alguns de seus interesses, como a literatura e os lepidópteros, deve fazer alguém dizer “aha” e identificar o criador com a criação. Não sou e nunca fui Fyodor Godunov-Cherdyntsev; meu pai não é o explorador da Ásia Central que eu ainda posso vir a ser um dia; nunca cortejei Zina Mertz e nunca me preocupei com o poeta Koncheyev nem com qualquer outro escritor. De fato, é mais em Koncheyev, assim como em outro personagem incidental, o romancista Vladimirov, que distingo uma ou outra coisa de mim como eu era por volta de 1925.

Na época em que trabalhei neste livro, não tive a habilidade de recriar Berlim e sua colônia de expatriados tão radical e impiedosamente como o fiz a respeito de certos ambientes em minha ficção posterior, em inglês. Aqui e ali a história aparece através da criação artística. A atitude de Fyodor em relação à Alemanha reflete, talvez tipicamente demais, o cru e irracional desprezo que os emigrados russos tinham

pelos “nativos” (em Berlim, Paris e Praga). Meu jovem é, além disso, influenciado pela ascensão da repulsiva ditadura pertencente ao período em que o livro foi escrito e não àquele que reflete aos pedaços.

Hoje, o tremendo fluxo de intelectuais que formou uma parte importante do êxodo geral da Rússia soviética nos primeiros anos da revolução bolchevique parece a migração de alguma tribo mística cujos signos-aves e signos-lua recupero agora da poeira do deserto. Permanecemos desconhecidos dos intelectuais norte-americanos (que, enfeitados pela propaganda comunista, nos viam simplesmente como generais perversos, magnatas do petróleo e damas magras com *lorgnettes*). Esse mundo já se foi. Foram-se Búnin, Aldanov, Remizov. Foi-se Vladislav Khodasevich, o maior poeta russo que o século xx produziu. Os velhos intelectuais agora estão morrendo e não encontraram sucessores entre as chamadas Pessoas Deslocadas das últimas duas décadas, que levaram para o exterior o provincianismo e a ignorância de sua pátria soviética.

Como o mundo de *O dom* é atualmente um fantasma tanto quanto a maioria de meus outros mundos, posso falar deste livro com certo grau de distanciamento. Foi o último romance que escrevi e que jamais escreverei em russo. Sua heroína não é Zina, mas a literatura russa. A trama do capítulo um tem como centro os poemas de Fyodor. O capítulo dois é uma aproximação a Púchkin durante o progresso literário de Fyodor e contém sua tentativa de descrever as explorações zoológicas do pai. O capítulo três direciona o foco para Gógol, mas o seu centro de fato é o poema de amor dedicado a Zina. O livro de Fyodor sobre Chernishevski, uma espiral dentro de um soneto, domina o capítulo quatro. O último capítulo combina todos os temas precedentes e renuncia o livro que Fyodor sonha escrever um dia: *O dom*. Pergunto-me até onde a imaginação do leitor acompanhará os jovens amantes depois de terem sido dispensados.

A participação de tantas musas russas dentro da orquestração do romance torna sua tradução especialmente difícil. Meu filho Dmitri Nabokov completou o primeiro capítulo em inglês, mas foi impedido de continuar pelas exigências de sua carreira. Os outros quatro capítulos foram traduzidos [para o inglês] por Michael Scammell. No inverno de 1961, em Montreux, eu revisei minuciosamente a tradução

dos cinco capítulos. Sou responsável pela versão dos vários poemas e trechos de poemas espalhados pelo livro. A epígrafe não é uma invenção. O poema do epílogo mimetiza uma *stanza* de “Eugene Onegin”.

Vladimir Nabokov  
Montreux, 28 de março de 1962

*O carvalho é uma árvore. A rosa é uma flor. O veado é um animal.  
O pardal é uma ave. A Rússia é nossa pátria. A morte é inevitável.*

*P. Smirnovski, Um manual de gramática russa*

# Capítulo um

Num dia nublado, mas luminoso, por volta das quatro da tarde de 1º de abril de 192... (um crítico estrangeiro observou certa vez que muitos romances, como a maioria dos alemães, começam com uma data, mas só os autores russos é que, fiéis à sinceridade peculiar de nossa literatura, omitem o dígito final), uma caminhonete, muito comprida e muito amarela, rebocada por um trator também amarelo, com rodas traseiras hipertrofiadas e uma anatomia descaradamente exposta, parou na frente do número sete da rua Tannenberg, na parte oeste de Berlim. A caminhonete trazia em sua frente um ventilador em forma de estrela. Ao longo de toda a lateral, havia o nome da empresa de mudanças em letras azuis de um metro de altura, cada uma (inclusive um ponto quadrado) com um sombreado lateral em tinta preta: uma desonesta tentativa de escalar até a próxima dimensão. Na calçada, diante da casa (na qual eu também irei morar), duas pessoas paradas que obviamente saíram para receber sua mobília (na *minha* mala há mais manuscritos que camisas). O homem, vestido com um sobretudo áspero marrom-esverdeado ao qual o vento atribuía um ondular de vida, era alto, de sobrancelhas hirsutas e velho, com o grisalho da barba cor de ferrugem na área da boca, na qual prendia impassivelmente um toco de charuto meio desfolhado. A mulher, atarracada e não mais jovem, com pernas em arco e um rosto pseudochinês bastante atraente, usava casaco de astracá; o vento, ao rodeá-la, trouxe um vestígio de perfume bastante bom, embora ligeiramente mofado. Os dois estavam imóveis, olhando fixamente e com tamanha atenção que pareciam a ponto de ser ludibriados pelos três sujeitos rudes, de pescoço vermelho e aventais azuis que batalhavam com sua mobília.

Algum dia, pensou ele, devo usar essa cena para começar um bom romance antiquado e volumoso. A ideia fortuita vinha tocada

por uma ironia displicente; ironia, porém, bastante desnecessária, porque alguém dentro dele, em seu nome, independente dele, havia absorvido isso tudo, registrado e arquivado. Ele próprio só havia se mudado para ali hoje, e agora, pela primeira vez, na condição ainda desacostumada de residente local, saía para comprar algumas coisas. Conhecia a rua e, de fato, todo o bairro: a pensão de onde se mudara não ficava longe; até agora, porém, a rua havia girado e deslizado para um lado e outro, sem nenhuma conexão com ele; hoje, ela de repente havia parado; de agora em diante, ia assentar como uma extensão de seu novo domicílio.

Margeada com tílias de tamanho médio, com gotículas da chuva distribuídas entre seus intrincados ramos negros segundo um futuro arranjo de folhas (amanhã cada gota conteria uma pupila verde); acompanhada por uma superfície lisa de asfalto de uns dez metros de largura e calçadas variegadas (feitas à mão e lisonjeiras aos pés), subia em ângulo quase imperceptível, começando num correio e terminando numa igreja, como um romance epistolar. Com olhar treinado, ele examinou a rua em busca de algo que pudesse se tornar um ponto desagradável todos os dias, uma tortura diária para seus sentidos, mas parecia não haver nada desse tipo à espreita, e a luz difusa do dia cinzento de primavera estava não apenas acima de qualquer suspeita como prometia suavizar qualquer detalhe que em tempo mais brilhante inevitavelmente apareceria; podia ser uma variedade de coisas: a cor de uma casa, por exemplo, que provocava de imediato um gosto desagradável na boca, um gosto de aveia, ou mesmo de *halvah*; um detalhe arquitetônico que captasse efusivamente a atenção da pessoa cada vez que se passava por ele; a irritante falsidade de uma cariátide, uma figura ociosa, não um suporte que, mesmo debaixo de um peso menor, desmoronaria em poeira de gesso; ou, num tronco de árvore, preso por uma tachinha enferrujada, um inútil, mas eternamente preservado canto de cartaz escrito à mão (com a tinta escorrida, azul, cachorro perdido) que sobreviveu a sua utilidade, mas não foi inteiramente arrancado; ou então um objeto numa vitrina, ou um cheiro que se recusava no último momento a revelar uma lembrança que parecia prestes a gritar, e em vez disso permanecia numa esquina, um mistério recolhido em si mesmo. Não, não havia nada assim (não



ainda, pelo menos); ele pensou que seria uma boa ideia estudar, em algum momento, com calma, a sequência de três ou quatro tipos de lojas e ver se tinha razão em conjecturar que tal sequência seguia sua própria lei de composição, de forma que, tendo encontrado o arranjo mais frequente, ele pudesse deduzir o ciclo médio para as ruas de determinada cidade, por exemplo: tabacaria, farmácia, quitanda. Na rua Tannenbergl essas três estavam dissociadas, ocorrendo em esquinas diferentes; talvez, porém, o enxame rítmico ainda não tivesse se estabelecido e, no futuro, cedendo a esse contraponto (quando os proprietários falissem ou mudassem), elas gradualmente comesçassem a se juntar de acordo com o padrão adequado: a quitanda, com um olhar para trás, atravessaria a rua, de forma a estar primeiro sete, depois três portas antes da farmácia — mais ou menos do mesmo jeito que as letras embaralhadas encontram seus lugares num comercial; e no fim uma delas sempre faz uma espécie de salto e, apressada, assume sua posição (um personagem cômico, o inevitável Jack the Sack, o incompetente entre os novos recrutas); e assim esperarão até um local adjacente se esvaziar, quando ambas piscarão para a tabacaria como para dizer: “Depressa, para cá”; e antes que se perceba estão todas enfileiradas, formando uma linha típica. Nossa, como detesto isso tudo — as coisas nas vitrinas, a cara obtusa das mercadorias, e, acima de tudo, o cerimonial da transação, a troca de enjoativas lisonjas antes e depois! E aqueles cílios baixos de preço modesto... a nobreza do desconto... o altruísmo dos anúncios... toda essa perversa imitação do bem, que tem um estranho jeito de atrair boas pessoas: Alexandra Yakovlevna, por exemplo, me confessou que quando vai fazer compras em lojas conhecidas é moralmente transplantada para um mundo especial onde fica embriagada pelo vinho da honestidade, pela doçura dos favores mútuos, e corresponde ao sorriso encarnado do vendedor com um sorriso de radioso arrebatamento.

O tipo de loja berlinense em que ele entrava pode ser adequadamente determinado pela presença, num canto, de uma mesinha com um telefone, um catálogo, narcisos num vaso e um grande cinzeiro. Essa loja não tinha os cigarros russos com filtro que ele preferia, e teria ido embora de mãos vazias se não fosse pelo colete salpicado com botões de madrepérola do dono da tabacaria e sua careca cor de

abóbora. Sim, a minha vida inteira receberei aquele pequeno pagamento extra em espécie para compensar o constante sobrepreço das mercadorias impingidas a mim.

Ao atravessar para a farmácia da esquina, ele involuntariamente virou a cabeça por causa de uma explosão de luz que ricocheteou em sua têmpera e viu, com aquele sorriso rápido com que saudamos um arco-íris ou uma rosa, o ofuscante paralelogramo branco de céu sendo descarregado da caminhonete: uma penteadeira com espelho no qual, como numa tela de cinema, passou o reflexo impecável de ramos deslizando e ondulando não arboreamente, mas com uma vacilação humana, produzida pela natureza daqueles que carregavam esse céu, esses ramos, essa fachada deslizando.

Continuou a andar na direção da loja, mas o que acabara de ver — fosse porque lhe dera um prazer conhecido ou porque o tivesse pegado de surpresa e sacudido (como crianças no palheiro caem na escuridão resiliente) — liberou nele aquele algo agradável que havia vários dias já se achava no fundo obscuro de todo pensamento seu, tomando posse dele à menor provocação: minha coletânea de poemas foi publicada; e quando, como agora, sua mente dava um tranco como aquele, isto é, quando se lembrava dos cinquenta e poucos poemas que tinham acabado de sair, ele repassava num instante o livro todo, de forma que na névoa instantânea de sua música loucamente acelerada não se podia encontrar nenhum sentido legível no relampejar dos versos — as palavras conhecidas passavam correndo, girando em meio à violenta espuma (cuja ebulição se transformava em um poderoso fluxo se alguém fixasse nela os olhos, como costumávamos fazer, há muito, olhando para baixo de uma vibrante ponte de moinho até a ponte se transformar na popa de um navio: adeus!) — e essa espuma e esse relampejar e um verso separado que passava correndo sozinho, gritando em louco êxtase de longe, provavelmente o chamando para casa, tudo isso, ao lado do branco cremoso da capa, fundia-se numa sensação de plenitude de excepcional pureza... O que estou fazendo!, ele pensou, caindo em si abruptamente e se dando conta de que a primeira coisa que fizera ao entrar na loja seguinte fora jogar seu troco da tabacaria na ilhota de borracha que ficava no centro do balcão de vidro, através do qual viu de relance o tesouro submerso de frascos de

perfumes, enquanto o olhar da vendedora, condescendente com seu comportamento estranho, acompanhava com curiosidade essa mão que, distraída, pagava a compra que ainda não havia sido enunciada.

“Uma barra de sabonete de amêndoas, por favor”, ele disse com dignidade.

Em seguida, voltou com o mesmo passo rápido para a casa. A calçada diante dela estava agora vazia, a não ser por três cadeiras azuis que pareciam ter sido juntadas por crianças. Dentro da caminhonete, um pequeno piano marrom deitado de costas, amarrado para não se levantar e com as duas pequenas solas metálicas no ar. Na escada, encontrou os carregadores descendo com ruído, joelhos voltados para fora e, quando estava tocando a campainha de sua nova morada, ouviu vozes e marteladas no andar de cima. A senhoria o deixou entrar e disse que havia deixado as chaves no quarto dele. Aquela mulher alemã, grande e predadora, tinha um nome engraçado: Klara Stoboy — que, para o ouvido russo, soava com sentimental firmeza como “Klara está contigo (*s toboy*)”.

E ali está o quarto retangular, a mala a esperar pacientemente... e a essa altura seu bom humor se transformou em repulsa: Deus nos livre que alguém conheça o horrendo, degradante tédio, a recorrente recusa de aceitar o jugo vil de recorrentes novas instalações, a impossibilidade de viver cara a cara com objetos totalmente estranhos, a inevitabilidade da insônia naquele sofá-cama!

Ficou parado algum tempo à janela. No céu de coalho e soro formavam-se de quando em quando buracos opalinos por onde o sol cego circulava e, em resposta, no convexo da capota cinza da caminhonete, as sombras esguias das tílias apressavam-se rumo à substanciação, mas se dissolviam sem se materializar. A casa diretamente em frente estava semiencoberta por andaimes, enquanto a parte boa de sua fachada de tijolos se achava coberta por hera que invadia as janelas. Na extremidade do caminho que cortava seu jardim de entrada, ele distinguiu a marca negra de um porão de carvão.

Em si mesmo, tudo isso era uma paisagem, assim como o quarto era em si uma entidade independente; mas agora um intermediário aparecera, e agora aquela paisagem se tornara a paisagem de seu quarto e nenhuma outra. O dom da visão que ela agora recebera não a melho-

rava. Seria difícil, ele pensou, transformar o papel de parede (amarelo pálido com tulipas azuladas) em uma estepe distante. O deserto da escrivania teria de ser cultivado durante um longo tempo antes de brotarem dele as primeiras rimas. E muita cinza de cigarro teria de cair debaixo da poltrona e em suas dobras antes de ela estar apta a viajar.

A senhoria veio chamá-lo para o telefone, e ele, baixando os ombros polidamente, acompanhou-a até a sala de jantar. “Em primeiro lugar, meu caro senhor”, disse Alexander Yakovlevich Chernishevski, “por que em sua antiga pensão relutam tanto em divulgar seu novo número? Saiu de lá às pressas, foi? Em segundo lugar, quero lhe dar os parabéns... Ora, ainda não soube? Sinceramente?” (“Ele ainda não sabe de nada”, Alexander Yakovlevich falou, voltando o outro lado de sua voz para alguém fora do alcance do telefone.) “Bom, nesse caso prepare-se bem e escute o seguinte, vou ler para você: ‘A recém-publicada coletânea de poemas do até então desconhecido autor Fyodor Godunov-Cherdyntsev nos impressiona como um fenômeno brilhante, e o talento poético do autor é tão indiscutível...’. Sabe de uma coisa: não vou continuar, mas você vem até nossa casa hoje à noite. Então pode ler o artigo inteiro. Não, Fyodor Konstantinovich, meu bom amigo, não vou dizer nada agora, nem quem escreveu a crítica, nem em qual jornal emigrado em língua russa ela apareceu, mas se quiser minha opinião pessoal, não se ofenda, acho que o sujeito está sendo gentil demais com você. Então, vem? Excelente. Estaremos esperando.”

Ao desligar o aparelho, Fyodor quase derrubou da mesa o suporte com haste de aço flexível e lápis anexado; tentou pegá-lo e aí é que derrubou mesmo; depois bateu o quadril na ponta do aparador; depois deixou cair um cigarro que estava tirando do maço ao caminhar; e finalmente calculou errado o giro da porta que se abriu tão sonoramente que *frau* Stoboy, que ia passando pelo corredor com um pires de leite na mão, emitiu um gélido “Opa!”. Ele sentiu vontade de dizer que o vestido dela, amarelo pálido com tulipas azuladas, era lindo, que o repartido de seu cabelo frisado e as bolsas trêmulas de suas faces eram dotados de uma nobreza george-sandesca; que sua sala de jantar era o ápice da perfeição; mas limitou-se a um grande sorriso e quase tropeçou nas listras de tigre que não haviam acompanhado o gato quando ele pulou de lado; afinal de contas, pensou, ele nunca

duvidara que iria ser assim, que o mundo, na pessoa de algumas centenas de amantes da literatura que haviam deixado São Petersburgo, Moscou e Kiev, iria imediatamente apreciar o seu dom.

Temos diante de nós um volume fino intitulado *Poemas* (uma libré simples com cauda de andorinha, que em anos recentes se tornara tão *de rigueur* quanto os galões de não muito tempo atrás — de “Quimeras lunares” a latim simbólico), contendo cerca de cinquenta poemas de doze versos, todos dedicados a um único tema: a infância. Ao compô-los ardorosamente, o autor procurou, por um lado, generalizar reminiscências, selecionando elementos típicos de qualquer infância bem-sucedida — daí sua aparente obviedade; e por outro lado ele permitiu que apenas sua genuína essência penetrasse nos poemas — daí sua aparente minúcia. Ao mesmo tempo, ele fez um grande esforço para não perder nem o controle do jogo, nem o ponto de vista da brincadeira. A estratégia de inspiração e as táticas da mente, a carne da poesia e o espectro da prosa translúcida — esses são os epítetos que nos parecem caracterizar com bastante acuidade a arte desse jovem poeta... E, tendo trancado a porta, ele pegou seu livro e se atirou no sofá — tinha de relê-lo imediatamente, antes que a excitação tivesse tempo de esfriar, a fim de conferir a superior qualidade dos poemas e saborear todos os detalhes da alta aprovação a eles dada pelo inteligente, encantador, no entanto anônimo crítico. E agora, ao escolher e testar os poemas, fazia exatamente o oposto do que havia feito há pouco, quando repassara o livro em um pensamento instantâneo. Agora leu em três dimensões, por assim dizer, explorando cuidadosamente cada poema, erguido como um cubo no meio dos outros e banhado por todos os lados com aquele ar campestre maravilhoso, leve, depois do qual sempre se fica tão cansado ao anoitecer. Em outras palavras, ao ler, ele novamente fez uso de todos os materiais que já havia reunido uma vez em sua memória para a extração dos atuais poemas e reconstruiu tudo, absolutamente tudo, como um viajante de retorno vê nos olhos de um órfão não apenas o sorriso da mãe, que ele conheceu na juventude, como também uma avenida que termina numa explosão de luz amarela e aquela folha avermelhada sobre um banco, tudo, tudo. A coletânea abria com o poema “A bola perdida”, e sentia-se que estava começando a chover. Uma daquelas noites pesadas

de nuvens, que combinam tão bem com nossos pinheiros do norte, havia se condensado em torno da casa. A avenida voltara do parque para passar a noite, e sua entrada estava envolta em crepúsculo. Agora as venezianas brancas desdobradas separam o quarto do escuro exterior, para onde as partes mais brilhantes de vários objetos domésticos já atravessaram para assumir posições experimentais em níveis diferentes do jardim desamparadamente negro. Está quase na hora de dormir.

As brincadeiras ficam desanimadas e um tanto empedernidas. Ela está velha e geme dolorosamente ao se ajoelhar em três laboriosos estágios.

Minha bola rolou debaixo da cômoda da babá.  
No chão uma vela  
luta com as beiras das sombras  
para cá e para lá, mas a bola sumiu.  
Então vem o atiçador de ponta curva.  
Bate e retine em vão,  
puxa um botão  
depois meia torrada.  
De repente pula para fora a bola  
para o escuro tremulante,  
atravessa todo o quarto e prontamente se enfia debaixo  
do inexpugnável sofá.

Por que o epíteto “tremulante” não me satisfaz inteiramente? Ou é a mão colossal do titereiro que aparece aqui por um instante entre as criaturas cujo tamanho o olho passou a aceitar (de forma que a primeira reação do espectador ao final da apresentação é “Como eu cresci!”)? Afinal o quarto estava *mesmo* tremulando, e aquele movimento das sombras como um carrossel pela parede quando a luz vai sendo levada embora, ou o sombreado camelo no teto com suas corcovas monstruosas ofegando quando a babá luta com o volumoso e instável biombo de vime (cujo alcance é inversamente proporcional a seu grau de equilíbrio) — essas são minhas primeiras lembranças, as mais próximas da fonte original. Meu inquisitivo pensamento muitas vezes se volta para essa fonte original, para esse avesso do nada. Por isso o estado nebuloso

da criança sempre me parece uma lenta convalescença depois de uma doença horrível, e o afastamento da não existência primal se torna uma aproximação dela quando forço a memória até o limite, de modo a experimentar aquela escuridão e usar suas lições para me preparar para a escuridão que virá; mas quando viro minha vida de cabeça para baixo, de forma que o nascimento se torna morte, deixo de ver, no limiar desse morrer ao contrário, algo que corresponderia ao terror sem limite que, dizem, mesmo um centenário experimenta ao enfrentar o fim definitivo; nada, exceto talvez as sombras antes mencionadas, que, subindo de algum lugar de baixo quando as velas partem para deixar o quarto (enquanto a sombra do adorno esquerdo dos pés de minha cama passa como uma cabeça negra inchando ao se mover), assumem seus lugares costumeiros acima de meu berço,

e em seus cantos crescem ousadas  
apenas semelhantes  
a seus modelos naturais.

Em todo um conjunto de poemas, que desarmam por sua sinceridade... não, isso é bobagem — por que “desarmar” o leitor? Ele é perigoso? Em todo um conjunto de excelentes... ou, para colocar com ainda mais força, notáveis poemas, o autor canta não apenas essas sombras assustadoras, mas momentos mais alegres também. Bobagem, eu digo! Ele não escreve assim, meu anônimo, desconhecido elogiadador, e foi apenas por ele que poetizei a lembrança de dois preciosos e, acredito, antigos brinquedos. O primeiro era um amplo vaso pintado que continha uma planta artificial de uma terra ensolarada, na qual se empoleirava uma ave canora tropical empalhada, tão assombrosamente verossímil que parecia a ponto de sair voando, com plumagem preta e peito ametista; e, quando a grande chave era arrancada com lisonjas da governanta Yvonna Ivanovna, colocada na lateral do vaso e girada várias vezes com força vivificadora, o pequeno rouxinol malaião abria o bico... não, ele nem mesmo abria o bico, porque alguma coisa estranha acontecera com o mecanismo desgastado, com alguma mola ou outra, que, porém, guardava sua ação para mais tarde: a ave não cantava então, mas, se a gente se esquecesse dela e uma semana

depois passasse por acaso diante do alto guarda-roupa onde ficava empoleirada, algum misterioso tremor a fazia de repente emitir seu mágico trinado — e que maravilha de trinado, tão longo, enchendo seu peitinho arrepiado; e terminava; então, ao sairmos, alguém pisava uma outra tábua do soalho e numa resposta especial ela dava um pio final, silenciando no meio da nota. O outro dos meus brinquedos poetizados, que ficava em outro quarto, também numa alta estante, se comportava de maneira semelhante, mas com uma tola sugestão de imitação — como o espírito da paródia sempre segue ao lado da poesia genuína. Era um palhaço de calção largo de cetim até abaixo dos joelhos, pendurado de duas barras paralelas caídas e que se punha em movimento com um tranco acidental,

Ao som de uma miniatura musical  
com uma cômica pronúncia

tilintando debaixo de sua pequena plataforma, conforme erguia as pernas de meias brancas, com pompons nos sapatos, mais alto e mais alto com solavancos quase imperceptíveis — e abruptamente tudo parava e ele ficava paralisado numa atitude angular. E talvez seja a mesma coisa com meus poemas? Mas a verdade de justaposições e deduções é, às vezes, mais bem preservada do lado de cá da cerca verbal.

Das peças poéticas acumuladas no livro obtemos gradualmente a imagem de um menino extremamente receptivo, vivendo em ambiente extremamente favorável. Nosso poeta nasceu em 12 de julho de 1900, no solar Leshino, que há séculos era a propriedade rural dos Godunov-Cherdyntsev. Mesmo antes de atingir idade escolar, o menino lera um número considerável de livros da biblioteca do pai. Em suas interessantes reminiscências, Fulano de Tal relembra com que entusiasmo o pequeno Fedya e sua irmã Tanya, dois anos mais nova, se empenhavam no teatro amador, e como chegavam até a escrever eles mesmos peças para as apresentações... Isso, meu bom homem, pode ser verdade para outros poetas, mas no meu caso é mentira. Sempre fui indiferente ao teatro; embora lembre que realmente tínhamos um teatro de bonecos com árvores de papelão e um castelo com ameias e janelas de celuloide cor de geleia de framboesa, através das quais



chamas pintadas, como aquelas do quadro de Vereshchagin sobre o incêndio de Moscou, tremulavam quando se acendia uma vela lá dentro — e foi essa vela que, não sem nossa participação, acabou causando a conflagração de todo o edifício. Ah, mas Tanya e eu éramos exigentes quando se tratava de brinquedos! De indiferentes doadores externos ganhávamos muitas vezes coisas bem infames. O que quer que viesse numa caixa de papelão chata com capa ilustrada era um mau sinal. A uma dessas capas tentei dedicar minhas doze linhas estipuladas, mas de alguma forma o poema não surgiu. Uma família, sentada em torno de uma mesa circular, iluminada por um lampião: o menino vestido numa impossível roupa de marinheiro com gravata vermelha, a menina de botinas de amarrar, também vermelhas; ambos, com expressão de agradável deleite, estão enfiando contas de várias cores em hastes que parecem de palha, fazendo pequenos cestos, gaiolas e caixas; e, com entusiasmo similar, seus pais simplórios participam do mesmo passatempo — o pai com uma bela barba no rosto satisfeito, a mãe com seu seio imponente; o cachorro também está olhando a mesa, e a invejosa vovó pode ser vista escondida no fundo. Essas mesmas crianças agora cresceram e eu muitas vezes cruzo com elas em anúncios: ele, com suas faces brilhantes, lisas, queimadas de sol, fuma voluptuosamente um cigarro ou segura na mão musculosa, com sorriso carnívoro, um sanduíche que contém algo vermelho (“coma mais carne!”); ela sorri para uma meia-calça que ela própria está vestindo ou, com prazer depravado, serve chantilly sobre frutas enlatadas; e com o tempo eles se tornarão velhos vivazes, rosados, empanzinados — e ainda terão diante de si a infernal beleza negra de ataúdes de carvalho numa vitrina decorada com palmeiras... Assim um mundo de belos demônios se desenvolve lado a lado conosco, em um relacionamento alegremente sinistro com nossa existência cotidiana; mas no belo demônio há sempre alguma falha secreta, uma verruga vergonhosa por trás de sua aparência de perfeição: o glamoroso glutão do anúncio, se ingurgitando de gelatina, jamais conhecerá as alegrias tranquilas do gourmet, e suas modas (presas a outdoors enquanto avançamos) estão sempre um pouco atrás das modas da vida real. Algum dia voltarei a uma discussão sobre essa nênese, que encontra um ponto fraco para seu golpe exatamente onde parecem estar todo o senso e poder da criatura que ataca.

Em geral, Tanya e eu preferíamos brincadeiras suadas a brincadeiras tranquilas — correr, esconde-esconde, batalhas. É maravilhosa a forma como a palavra “batalha” (*srazhenie*) sugere o som da compressão da mola quando se enfiava o projétil na arma de brinquedo — um bastão de quinze centímetros de madeira colorida, sua ventosa de borracha removida a fim de aumentar o impacto com que batia na lata dourada da armadura (usada por um cruzamento entre um couraceiro e um pele-vermelha), deixando nela uma respeitável depressão.

... você recarrega até o fundo o tambor,  
com um ranger de molas  
apertando no chão, bem comprimido,  
e vê atrás da porta, meio escondido,  
que seu duplo parou no espelho,  
na fita da testa penas espetadas  
de cores variadas.

O autor teve ocasião de se esconder (estamos agora no solar Godunov-Cherdyntsev no cais inglês do Neva, onde se encontra até hoje) entre cortinas, debaixo de mesas, atrás das almofadas eretas de divãs de seda, num guarda-roupa, onde cristais contra traças crepitavam sob os pés (e de onde alguém podia observar sem ser visto um criado passando devagar, que parecia estranhamente diferente, vivo, etéreo, com cheiro de maçãs e chá) e também

debaixo de uma escada helicoidal  
ou atrás de um bufê solitário  
esquecido numa sala nua

em cujas prateleiras vegetavam objetos como: um colar feito de dentes de lobo; um pequeno ídolo com a barriga de fora, esculpido em agalmatólito; outro, de porcelana, com a língua preta para fora em saudação nacional; um jogo de xadrez com camelos no lugar de bispos; um dragão de madeira articulado; uma caixa de rapé do povo soyot de vidro fosco; idem, de ágata; um tamborim de xamá e uma pata de

coelho acompanhando; uma bota de couro de uapiti com palmilha feita da casca de madressilva azul; uma moeda ensiforme do Tibete; um cálice de jade de Kara; um broche de prata com turquesas; um lampião dos lamas; e uma porção de bobagens semelhantes — como poeira, como o postal de um spa alemão com a saudação “Gruss” em madreperola — que meu pai, que não tinha estômago para etnografia, de alguma forma trouxe de suas viagens fabulosas. Os tesouros de verdade — sua coleção de borboletas, seu museu — estavam preservados em três salas trancadas; mas este livro de poemas não contém nada a esse respeito: uma intuição especial alertou o jovem autor que algum dia ele iria querer falar de outro jeito bem diferente, não em verso miniatura com canto e encanto, mas de um jeito muito, muito diferente, com palavras viris, sobre seu famoso pai.

Mais uma vez algo sai errado e se escuta a vizinha verbosamente monótona do crítico (talvez mesmo do sexo feminino). Com cálida afeição, o poeta relembra as salas da casa familiar onde passou (sua infância). Conseguiu imbuir de muito lirismo as descrições poéticas de objetos entre os quais ela foi passada. Quando se ouve com calma... Nós todos, atentamente, e piamente... Os ecos do passado... Assim, por exemplo, ele descreve abajures, litografias nas paredes, sua escrivania de escola, a visita semanal das enceradeiras (que deixam para trás um odor composto de “neve, suor e resina de mástique”) e a verificação dos relógios:

Às quintas-feiras vem da relojoaria  
um velho cortês que passa  
a dar corda com mão tranquila  
em todos os relógios da casa.  
Dá uma olhada ao próprio relógio  
e acerta o relógio da parede.  
Sobe numa cadeira e espera  
o relógio descarregar seu meio-dia  
completamente. E então, tendo cumprido  
bem sua agradável tarefa,  
devolve silenciosamente a cadeira  
e, chiando de leve, o relógio tiquetaqueia.

Dando um ocasional estalo de língua com seu pêndulo e fazendo uma estranha pausa, como para ganhar forças, antes de soar. Seu tique-taque, tal qual uma fita desenrolada dividida por listras em centímetros, servia como infundável medida para minhas insônias. Para mim, era tão difícil dormir quanto espirrar sem estímulo ao interior de uma narina, ou cometer suicídio recorrendo a meios disponíveis no corpo (engolir a língua ou algo assim). No começo da noite agonizante, eu ainda conseguia ganhar tempo subsistindo de conversas com Tanya, cuja cama ficava no quarto ao lado; apesar das regras, abríamos ligeiramente a porta e então, quando ouvíamos nossa governanta indo para seu quarto, que era vizinho ao de Tanya, um de nós a fechava delicadamente: uma corrida relâmpago de pés descalços e um mergulho na cama. Enquanto a porta estivesse entreaberta trocávamos enigmas de um quarto para outro, às vezes ficando em silêncio (posso ouvir ainda o tom desse silêncio gêmeo no escuro), ela para adivinhar o meu, eu para pensar em outro. Os meus eram sempre para o lado do fantástico e da bobagem, enquanto Tanya apegava-se aos modelos clássicos:

*mon premier est un métal précieux,  
mon second est un habitant des cieux,  
et mon tout est un fruit délicieux.*

[meu primeiro é um metal precioso,  
meu segundo, morador do céu,  
e o todo é um fruto delicioso.]

Às vezes, ela adormecia enquanto eu esperava pacientemente, pensando que ela estava batalhando com minha charada, e nem meus pedidos nem minhas imprecações conseguiam revivê-la. Depois disso, eu viajava por mais de uma hora pelo escuro de minha cama, arqueando as cobertas em cima de mim, de modo a formar uma caverna, em cuja saída distante eu via de relance um pouco de luz azul oblíqua que nada tinha em comum com meu quarto, com a noite do Neva, com os ricos e sombriamente translúcidos babados das cortinas da janela. A caverna que eu explorava guardava em suas dobras e fissuras